

O tempo na asa ritmada ou versos cantados na linha do tempo

Marco Aurélio Navarro*

RESUMO

Este trabalho pretende mostrar como a temática do tempo, elemento universal causador da angústia, atravessa as eras, cantando-o em versos de algumas escolas literárias, escolhidas por nós: Barroco, Arcadismo, Modernismo e Pós-modernismo. Para tal, alguns poetas foram citados, acompanhados de seus poemas.

Palavras-chave: Poesia. Escolas Literárias. Tempo. Lirismo. Lugar-comum.

ABSTRACT

This work intends to show how the thematic of the time acrosses the different ages, as a causer universal element of the anguish, celebrated in verses of some literary schools, chosen by us: Baroque, Arcadism, Modernism and Post-Modernism. For this, some poets were mentioned followed their poems.

Keywords: Poetry. Literary schools. Time. Lyricism. Recurrent theme.

1 INTRODUÇÃO

Desde a Roma Antiga, a efemeridade da vida é um dos temas da poesia lírica. Um nome relevante que podemos citar é Horácio (65 a.C./8 a.C.) que destacava a importância de se aproveitar o presente. Foi quem criou a expressão *carpe diem*, ou seja, colhe o dia de hoje.

Bem antes, o filósofo grego Epicuro (341/270 a.C.) tinha idéia semelhante: aproveitar cada momento da vida antes da morte, mas usufruí-la na cultura do espírito e na prática da virtude. Por uma falsa interpretação, o termo *epicurismo* passou a ser sinônimo de libertino.

Na mitologia greco-latina, Cronos era quem gerava, mas devora os seus filhos, com medo de ser destronado por eles. Cronos "é o Tempo que não se sacia dos anos e que come todos aqueles que passam" (COMMELIN, s/d, p. 26).

* Doutorando em Estudos Literários na Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP.

A frase de Ovídio (43 a.C/ 17 d.C.) *tempus edax rerum* significa justamente “o tempo (esse) devorador das coisas”.

Ainda, pela explicação mítica, havia as Parcas, donas da sorte dos homens. Eram três irmãs: *Cloto* (que tem o fio do destino dos homens), *Laquesis* (aquela que põe o fio no fuso) e *Átropos* (aquela que corta o fio que mede a vida de cada mortal). Era a vida tecida por um fio misterioso, símbolo do curso da vida e, “nada consegue aplacá-las e nem impedi-las que lhe cortem a trama” (COMMELIN, s/d, p. 76).

A partir dessas considerações iniciais, o presente trabalho tem o propósito de demonstrar como a temática da brevidade da vida acompanha o homem e torna a poesia o canal da expressão lírica da angústia causada pela constatação da finitude humana, em diferentes épocas da história da literatura brasileira. Mais especificamente, utilizaremos exemplos da poesia barroca, com Gregório de Matos; estrofes árcades de Tomás Antônio Gonzaga; poemas de Cecília Meireles, no Modernismo e, por fim, um poema de Hernany Tafury, na contemporaneidade.

Francisco Achcar, em seu livro **Lírica e lugar-comum**, afirma que “temas da lírica antiga, centrais na obra de Horácio, reaparecem em diversos poetas, em épocas diferentes, com formas diversas de expressão” (ASCHCAR, 1994, p. 19). É o que ele denomina de *tópoi*, termo utilizado pelos poetas e através do qual “se revela a originalidade” de cada artista.

Assim, embora a temática seja a mesma, a questão seja universal e atemporal, o escritor traduzirá poeticamente sua visão de mundo. Pelo fato de cada um ter consciência da fugacidade da vida, nem sempre aproveitá-la significa agir às cegas. Para Achcar (1994): “Na lírica do *carpe diem*, [...] o hedonismo é sempre apresentado como resultante lógica da consciência da efemeridade” (1994, p. 67).

Mas, “colher o dia” é diferente de ser um incosequente juvenil, “inconsciente dos limites da existência”. (Idem, p. 68). Assim, nosso trabalho para abordar o tema, dividir-se-á em quatro partes, cada uma para estudar uma escola literária e seu respectivo poeta.

2 O BARROCO

Na linha do tempo (dentro da história literária), podemos situar o Barroco do fim do século XVI à metade do século XVIII. As particularidades desse estilo de época vinculam-se à ideologia da Contra-Reforma e do Concílio de Trento.

A busca por uma reconciliação entre a fé e a razão marca o homem desse período. Assim, Ligia Cadermatori (1997) nos apresenta as duas

correntes de pensamento que geram os conflitos vividos na época:

O elemento cristão da Idade Média e o racionalista do Renascimento geraram o dualismo barroco, característico de um período em que o homem busca a conciliação do espiritualismo medieval com o humanismo posto em voga pelos renascentistas. (CADERMATORI, p. 28)

Convivem tensamente o ascetismo e o erotismo, a religiosidade e a mundaneidade; no nível da retórica, temos as antíteses e os paradoxos expressando a tensão. Além disso, o caráter charadístico da composição poética marca o estilo; uma característica que “desafia o leitor a decifrar o objeto do poema devido ao jogo de palavras que arma”. (Idem, p.29).

O sentimento de passagem irreversível do tempo, assim como o desengano e a solidão são temas constantes do Barroco. Para Lígia Cadermatori (1997), o Barroco “expressa êxtase e pessimismo perante o mundo”. (CADERMATORI, p. 29).

No Brasil, temos Gregório de Matos (1936/1696) como um expoente da poesia barroca seja na sua vertente religiosa, satírica ou lírica. Como exemplo da poesia barroca, apresentamos *Desenganos da vida humana*, metaforicamente, um belo soneto do Boca do Inferno:

É a vaidade, Fábio, nesta vida,
Rosa, que da manhã lisonjeada,
Púrpuras mil, com ambição dourada,
Airosa rompe, arrasta presumida

É planta, quede abril favorecida,
Por mares de soberba desatada,
Florida galeota empavesada,
Sulca ufana, navega destemida.

É nau enfim, que em breve ligeireza
Com presunção de Fênix generosa,
Galhardias apresta, alentos preza:
Mas ser planta, ser rosa, nau vistosa
De que importa, se guarda sem defesa
Penha a nau, ferro a planta, tarde a rosa?

Na forma, percebemos a herança do Renascimento: um soneto clássico de versos com dez sílabas poéticas (medida nova), com rima ABBA ABBA CDC DCD, no estilo de Petrarca.

A vaidade é apresentada como um desengano da vida e, metaforicamente, vemo-la representada pela rosa, pela planta e pela nau. Outra figura de linguagem (ou de palavra) presente, dentre outras,

destacamos a metonímia que, numa relação de contiguidade, de coexistência, as palavras *penha*, *ferro e tarde* representarão o penhasco, o corte e o “murchar” da rosa, respectivamente.

Também a gradação crescente instala-se: rosa, planta, galeota e nau. Essa gradação simboliza o “inchaço” da pessoa vaidosa que se deixa levar pelas aparências. É o orvalho na rosa; a flor na planta; os ornamentos da pequena embarcação (galeote).

O que o poeta pergunta no segundo terceto, em outras palavras é: de que vale ser vaidoso, se contra a morte não há “defesa”? Para Fiorini (2008) “o soneto trata, então, de temas muito caros ao Barroco: a fugacidade da vida e a inexorabilidade da morte”. (p. 78)

Para Schuler e Pavani (2000): “São inúmeros os poemas de Gregório de Matos em que se percebe uma natureza degradada graças ao transcorrer do tempo”. (p. 55). Aliás, o *tópoi* horaciano- a temática da fugacidade- vem focalizado “na perspectiva do desengano [...] e são levados (*os poetas*) não ao hedonismo, mas a um espiritualismo cristão”, segundo Achcar (1994), ao estudar alguns temas de Horácio e sua presença em português.

3 O ARCADISMO

Com o retorno aos padrões greco-latinos, o Neoclassicismo, no século XVIII, também é influenciado pelo pensamento de Horácio, pois o *carpe diem* aparece nos versos do árcade brasileiro Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), cujo pseudônimo era Dirceu.

Em várias passagens das líras de Dirceu notamos a adoção da “postura filosófica” de aproveitar ao máximo o momento presente, pois o tempo é célere e implacável. Assim nos exemplifica Coutinho (2001):

Minha bela Marília, tudo passa;
A sorte deste mundo é mal segura;
Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.

Ou ainda:

Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de são amores.
Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre:
E para nós o tempo que se passa
Também, Marília, morre.

Com versos decassílabos, com a presença de rimas, as estrofes de Dirceu nos mostram o “eu-lírico” apaixonado e que se dirige à Marília

constatando que o inexorável tempo traz a morte; por isso, convida-a a “gozar do prazer do amor”.

Com um estilo mais simples que o rebuscado Barroco, os árcades celebravam a vida campestre, bucólica, e evocavam a vida pastoril como alternativa, fugindo das cidades intranquilas que cresciam com o desenvolvimento urbano.

Segundo Cadermatori (1997), “a literatura deveria ser a expressão racional da natureza para ser manifestação da verdade”. (p.32).

Mesmo com a busca da objetividade que “conduziu à neutralidade da individualidade do poeta” (CADERMATORI, p. 32), o *tópoi* horaciano se apresenta no lirismo árcade: a certeza da fugacidade da vida e a necessidade de aproveitá-la. Como causa e efeito, é “a efemeridade da existência e o convite ao prazer”. (ACHCAR, 1994, p. 29).

4 O MODERNISMO : CECÍLIA MEIRELES

Um dos traços marcantes da lírica de Cecília Meireles (1901/1964) é a preocupação com a fugacidade do tempo e com a precariedade das coisas e dos seres. Dessa constatação da finitude das coisas decorre a melancolia. Mas, como a própria poetisa afirma no seu poema *Reinvenção*, “a vida só é possível reinventada”.

Num dos primeiros poemas de *Viagem* (1939), a poetisa já revela a consciência de sua condição:

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste;
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço, ou me desfaço,
- não sei, não sei. Não se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
- mais nada.

Não percebemos no poema a ânsia de “colher o dia”, mesmo que o

instante exista e que seja breve e passageiro como o “vento”. Ainda assim, dá-se importância ao “agora”.

Há apenas duas certezas: a da canção, da poesia como expressão do sujeito e, através da qual se eterniza, dá vida, pois “Tem sangue eterno a asa ritmada”. A outra é a certeza da morte, quando estará mudo, “mais nada”.

Cecília Meireles parece aplicar um dos aforismos de Hipócrates (460-377 a.C): “A vida é curta, a arte é longa. A ocasião, fugidia. A esperança, falaz. E o julgamento, difícil”, citado por Achcar (1994).

Também do livro **Viagem**, encontramos um outro poema da poetisa, chamado *Retrato*, uma belíssima descrição subjetiva, com versos que constroem o retrato de seu íntimo, embora descreva o exterior (rosto, olhos, lábios e mãos). E, ao falar que tem um “coração que nem se mostra”, a autora reforça a idéia de desesperança. Está fechada para a vida e já não se reconhece mais, transformada pela força do tempo, sorrateiro e inexorável:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face?

No poema, o corpo e a alma são modificados pelo tempo: o “agora” é o reflexo – talvez o espelho – de um passado menos triste e mais vivo.

5 TAFURY: O CONTEMPORÂNEO E CONTERRÂNEO

Em seu primeiro livro de poesia, o juizforano Hernany Tafury define sua poesia como simples. Com apenas 27 anos já foi premiado na Itália, com **Vertigens do tempo** (2008), em que mostra um turbilhão de emoções: euforia, paixão, tristeza, solidão.

O poema de Tafury *Antes do fim*, publicado no Caderno Dois, do jornal **Tribuna de Minas**, em 14 de setembro de 2008, trata da temática do tempo. É uma reflexão sobre a condição humana (ou constatação?), tão frágil e a morte tão implacável.

Ei-lo na íntegra:

O tempo na asa ritmada ou versos cantados na linha do tempo

Em cada hora voa
em destino, uma fração
da vida se dilui mansa e
casual... e não retorna.

Morremos vivendo!...
frágeis que somos,
por sermos humanos e
nos apegamos a coisas
tão mínimas quanto nós!...
Morremos de amor sem
que se perceba que o amor
é sinônimo de vida; que
esta despedida – precoce
e diária – só é necessária
antes do fim.

A partir dos versos de Tafury, a dialética se instaura: morremos um pouco a cada dia e o que passou não volta mais. No entanto, morremos de amor que, por sua vez, representa vida.

6 CONCLUSÃO

Pudemos apresentar com os exemplos da poesia barroca, neoclássica, moderna e contemporânea a temática do tempo que se expressa nos versos de maneiras diferentes, mas a agonia que atormenta o homem – mortal e finito – atravessa os tempos e encontra no lirismo um espaço privilegiado de manifestação.

Fizemos recortes nas escolas literárias, com alguns versos e estrofes em que o “eu-lírico”, atormentado pela questão da brevidade da vida, busca o caminho do hedonismo, no qual procura a dedicação aos prazeres possíveis. Assim, lemos a lírica de Dirceu, no Arcadismo brasileiro.

Já com Cecília Meireles, não verificamos a necessidade de “colher o dia”, mas percebemos nos seus versos a angústia causada pela constatação de que o tempo deixa suas marcas no corpo e na alma.

Assim, tanto no poeta barroco -Gregório de Matos- como no nosso conterrâneo Hernay Tafury o tema da lírica antiga reaparece com formas diversas de expressão.

Não tivemos a pretensão de esgotar o assunto, pois sabemos que contribuições da Filosofia e da Psicologia tornariam nosso trabalho mais aprofundado. É um campo fecundo de estudo que tornará a literatura ainda mais interessante.

Artigo recebido em: 01/09/2009

Aceito para publicação: 20/09/2011

CES Revista | v. 25 | Juiz de Fora | 2011

REFERÊNCIAS

ACHCAR, Francisco. **Lírica e lugar-comum**: alguns temas de Horácio e sua presença em Português. São Paulo: EDUSP, 1994.

CARA, Salete de Almeida. **A poesia lírica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1989.

CADERMATORI, Ligia. **Períodos literários**. São Paulo: Ática, 1997.

COMMELIN, P. **Mitologia grega e romana**. Trad. Thomaz Lopes. São Paulo: Tecnoprint, s.d.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Global, 2001. v. 2.

FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido**: estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008.

HORÁCIO. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hor%C3%A1cio>. Acesso em: 12 mai. 2009.

MATOS, Gregório de. **Antologia**. Porto Alegre: L&M, 2007.

MEIRELES, Cecília. **Antologia poética**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SÊNECA. **Sobre a brevidade da vida**. Porto Alegre: L&M, 2007.

SCHULER, Donaldo; PAVANI, Cínara Ferreira (orgs.). **Gregório de Matos**: texto e hipertexto. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000.

TOLEDO, Leonardo. Poesia com cara e jeito jovem. **Tribuna de Minas**. Juiz de Fora, 14 ago. 2008. Caderno Dois, p. 5.